

Jovem vê renda cair mais que a média e teme ‘efeito cicatriz’[Clique aqui para ver a notícia no site](#)

Efeitos negativos da entrada no mercado de trabalho em período de recessão tendem a ser duradouros

Tradicionalmente, os jovens já são os que têm maior dificuldade de inserção no mercado de trabalho. Numa crise, a situação piora, diante da concorrência de profissionais mais experientes e dispostos a ganhar menos. Na pandemia, a condição é ainda mais crítica, já que o setor de serviços, um dos grandes empregadores, foi profundamente atingido. Os números mostram que os jovens tiveram avanço expressivo no desemprego e a maior perda de renda entre as faixas etárias no ano passado, situação que ainda deve se agravar neste início de 2021.

Mais do que o impacto no curto e no médio prazos, no entanto, o que preocupa os especialistas são as marcas que esta geração carregará ao longo de sua vida profissional, o chamado “efeito cicatriz”. Um detalhe que complica o cenário é o fato de que a pandemia veio quando a atividade econômica no país pouco tinha se recuperado da recessão recente, o que já afetava a busca por trabalho.

“O jovem não é uma grande vítima da pandemia do ponto de vista sanitário, mas é do mercado de trabalho. Ele sentirá o impacto na sua vida profissional. Eles começam a trajetória em um ponto mais baixo e a curva de ascensão profissional fica comprometida”, afirma Marcelo Neri, diretor do FGV Social.

Levantamento feito pelo economista mostra que a renda dos adolescentes (15 a 19 anos) e dos jovens (tanto os mais novos, entre 20 e 24 anos, quanto os mais velhos, entre 25 e 29 anos) caiu 34%, 25% e 22%, respectivamente entre o primeiro e o terceiro trimestres de 2020. O ritmo é bem superior ao da média dos trabalhadores (18%). “A desigualdade da renda do trabalho aumentou. O grande medo da pandemia era com o desemprego, mas a renda dos ocupados caiu muito”, aponta Neri.

Especial

Conjuntura Reflexos negativos da entrada no mercado de trabalho em período de recessão tendem a ser duradouros

Jovem vê renda cair mais que a média e teme 'efeito cicatriz'

Luciane Carneiro
Do Rio

Tradicionalmente, os jovens já são os que têm maior dificuldade de inserção no mercado de trabalho. Nessa crise, a situação piora, diante da concorrência de profissionais mais experientes e dispostos a ganhar menos. Na pandemia, a condição é ainda mais crítica, já que o setor de serviços, um dos grandes empregadores, foi profundamente atingido. Os números mostram que os jovens tiveram avanço expressivo no desemprego e a maior perda de renda entre as faixas etárias no ano passado, situação que ainda deve se agravar neste início de 2021.

Mais do que o impacto no custo e no nível prático, no entanto, o que preocupa os especialistas são as marcas que esta geração carregará ao longo de sua vida profissional, chamado "efeito cicatriz". Um detalhe que complica o cenário é o fato de que a pandemia veio

quando a atividade econômica no país pouco tinha se recuperado da recessão anterior, o que já abriu a boca por trabalho.

"O jovem não é uma grande vítima da pandemia do ponto de vista salarial, mas é do mercado de trabalho. Ele sentirá o impacto na sua vida profissional. Ele consegue a trajetória em um ponto mais baixo e a curva de ascensão profissional fica comprometida", afirma Marcelo Neri, diretor do IGV Social.

Levantamento feito pelo economista mostra que a renda dos adolescentes (13 a 19 anos) e dos jovens (jovens mais novos, entre 20 e 24 anos, quanto os mais velhos, entre 25 e 29 anos) caiu 34%, 25% e 22%, respectivamente entre o primeiro e o terceiro trimestres de 2020. O ritmo é bem superior ao da média dos trabalhadores (18%). "A desigualdade da renda do trabalho aumentou. O grande medo da pandemia está com o desemprego, mas a renda dos ocu-

padou cair muito", aponta Neri.

Publicado antes da pandemia, um estudo do professor do Insper e da FEA-USP Nacério Meneses, ao lado de dois colegas, já apontava para reflexos permanentes para o futuro de quem entra no mercado de trabalho em períodos de recessão: a tendência é de mais desemprego e menor renda ao longo da vida. "O risco da vida profissional é a chance de o jovem experiente, conhecer diferentes áreas de trabalho, desvotar o que ele mais gosta de fazer. Na crise, a possibilidade de desemprego diminui e aí ele fica de desempregado na peça a primeira oportunidade que aparece. Isso afeta a produtividade lá na frente", aponta Meneses.

O estudo mostra que os jovens menos qualificados acabam sendo os mais prejudicados, especialmente no que diz respeito ao rendimento. Mesmo os que conseguem empregos ficam "presas" a trabalhos de menor qualificação, sem opção de sair para buscar melhores oportunidades. Neste cenário da pandemia, alguns também mais internamente prejudicados por terem que enfrentar as limitações da educação pública.

Com 20 anos, Ursula Albuquerque Campos está terminando o ensino médio pela Educação de Jovens e Adultos (EJA), depois de interromper o ensino convencional há alguns anos. Hoje, estuda cerca de uma hora e meia por dia com os vídeos enviados pelos professores da escola pública que ela estuda, na zona sul do Rio, e os exercícios, bem menos do que ela gosta de estudar presencial. Ela perdeu o emprego de ajudante em uma loja de roupas antes da pandemia e, como muita coisa a não, voltou a buscar trabalho só no segundo semestre.

"Já mandei diversos de currículo e não foi chamada para nenhuma entrevista. Tenho aplicado o que eu sei da minha experiência, que tem uma barreira na prática, em Copacabana, e gando por dia, de acordo com as vagas, mas queria um trabalho mais certo".

Muito os jovens com mais



Formado em direito, Enzo Noronha defende que os jovens têm mais experiência e que se sente "incertezas"

qualificação têm sentido as dificuldades do mercado de trabalho. Formado em direito pelo Insper, Enzo Noronha, 23 anos, de 23 anos, já tinha passado no exame da Ordem dos Advogados do Brasil (OAB) antes mesmo da pandemia, no fim de 2019. A pandemia atrasou a liberação da carteira exigida para as funções na área e, mesmo depois de já ter o documento, ainda não conseguiu uma oportunidade. Ele tem procurado em sites de empregos, pelo LinkedIn, enviado currículos para empresas e para convênios, mas até agora só conseguiu entrevistas.

"Faltou que sou um ótimo candidato, mas que preciso de mais experiência. A sensação é que quero alguns pontos, não tem

interesse em mim. E agora, com a pandemia, tem muita gente procurando quem tem mais experiência que eu. A sensação é de ficar encarcerado", diz ele. Preocupado com a crise, Noronha lê principalmente dos colegas que usaram o Insper (antigo Estácio) e agora têm uma dívida a pagar, mesmo sem terem conseguido trabalho ainda. Aquele braço na oportunidade para programas de estágio e de trainee e também de jovem aprendiz é um dos sinais das dificuldades enfrentadas pelos jovens. Os números não se recuperam gradualmente, apontam as empresas que organizam esses programas, mas ainda são inferiores ao do período pré-pandemia.

Segundo o Núcleo Brasileiro

de Estágios (Nube), a expectativa é que haja oferta de 44,6 mil vagas de estágio neste primeiro trimestre do ano, queda de 4% em relação a igual período do ano passado. O presidente do Nube, Sérgio Assunção Junior, e a gerente de desenvolvimento e inserção profissional da Fundação Mudej, Celina Fonseca, são otimistas em relação à importância de o jovem investir em mais qualificação enquanto segue na busca por trabalho, seja com pós-graduação, seja com cursos livres. Ele apontam que é preciso procurar não apenas por cursos técnicos, mas também por cursos de idiomas e em áreas específicas de atuação, mas também competências, com dicas de como fazer bem currículo e se comportar em entrevistas.

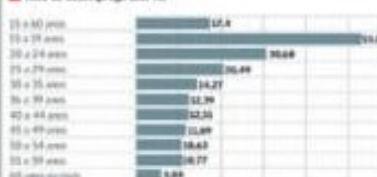
O impacto da pandemia

Renda e emprego foram afetados

Variação da renda dos trabalhadores entre 1º e 3º trimestre de 2020 (em %)



Taxa de desemprego (em %)



Fonte: IBGE e IGV Social

Políticas públicas são fundamentais, defendem especialistas

Do Rio

Data gata para a inserção do jovem no mercado de trabalho, são necessárias políticas públicas que unam os diferentes níveis do Estado (federal, estadual e municipal), o setor produtivo e a sociedade civil. Especialistas sugerem que além de capacitação, seriam bem-vindas alternativas como o refinanciamento dos cursos existentes, para que se adaptem às necessidades do setor produtivo, facilitação do acesso às posições de entrada no mercado de trabalho, controle de currículo para evitar o desperdício de tempo.

Brasil, da emergência social em condições pós-pandemia. "Faltava uma estruturação e uma rede de oportunidades que existia e as habilidades. É preciso um trabalho amplo de diagnóstico para fazer esse 'match' entre a oferta e a demanda. Esta é a chave de tudo. É preciso entender as vocações locais e saber o que se está oferecendo." O estudo foi idealizado pelo Instituto Arqum e pela IGV Social.

Um dos caminhos importantes apontados no trabalho é a facilitação da inclusão de pessoas em posição de entrada no mercado de trabalho, com iniciativas

como qualificação e a aprendizagem de habilidades para a economia uma nova função ou atividade, mecanismos de certificação de habilidades e competências, para facilitar a realocação para outros setores, refinanciamento dos programas de capacitação e desenvolvimento de programas de formação com o apoio de empresas.

"É importante ajudar no desenvolvimento de habilidades socioemocionais dos jovens para o mundo do trabalho. É preciso saber como se comportar no dia a dia do trabalho virtual, por exemplo", diz Laura.

Presidente do Conselho Nacional de Juventude, Marcia Barão também se mostra preocupada com a chamada "lacuna de competências", problema que já existia antes da pandemia e "vai mudar muito com a crise". A redução de investimentos em educação e ciência no país, ressalta Barão, torna o problema ainda mais complexo e de difícil solução.

"Esta é a maior geração jovem do planeta, considerando o atual momento de falência demográfica. Podemos ter um futuro populoso se um bom plano social.

Princípios de políticas públicas para os jovens", defende o presidente do Conselho.

Uma das vertentes importantes, segundo Barão, é o incentivo ao empreendedorismo, que é uma das alternativas ao subemprego e à informalidade nesta etapa da vida.

Para além do acesso ao ensino técnico de baixo custo, ch

acredita que é preciso que os jovens tenham acesso a cursos de capacitação e mentoria. "Não adianta só acesso ao capital, é preciso acompanhar o jovem, capacitar e induzir burocracia", afirma (IC).

Valor
ESPECIAL
PEQUENAS
E MÉDIAS
EMPRESAS

O maior share de publicidade do mercado.

Anuncie e fale diretamente com tomadores de decisão e líderes empresariais.

Publicado no último dia de cada mês



Anuncie!

São Paulo (11) 3747-1012
Rio de Janeiro (21) 3521-1417
Belo Horizonte (31) 3717-3333

81% (dos assinantes corporativos possuem empresas com até 99 empregados)

Fonte: Pesquisa Nacional Partners - Análise de Empresas e Digital (Quarta 2014)